

OS DRAMAS DE AUTENTICIDADE E O TEATRO NACIONAL BRASILEIRO: UM OLHAR SÓCIO-POLÍTICO NA TRILOGIA DOS DRAMAS URBANOS DE EDUARDO CAMPOS – O MORRO DO OURO, A ROSA DO LAGAMAR E A DONZELA DESPREZADA

André Araújo do Nascimento

André Luiz dos Santos

Francisco Wellington Rodrigues Lima

A dramaturgia moderna nordestina quase sempre não esteve em posição de destaque no cenário nacional ao longo do século XX, permanecendo quase do mesmo modo em pleno século XXI, com suas lacunas e indagações. Mesmo assim, alguns autores se destacaram e tiveram seu merecido reconhecimento a partir de suas produções literárias, tais como Orris Soares, Ariano Suassuna, Raquel de Queiroz, Hermilo Borba Filho e Lourdes Ramalho. Porém, outros de igual valor não tiveram o mesmo reconhecimento merecido, ficando quase esquecidos, à margem da dramaturgia brasileira. (LIMA, 2010). A fim de trazer à tona um autor teatral importante e que têm ficado no quase esquecimento, queremos estudar, pesquisar e repensar, a partir das produções literárias, o teatro de Eduardo Campos, dramaturgo cearense que, no decorrer dos anos, vem se consolidando cada vez mais no cenário do teatro nacional como um dramaturgo de vanguarda sócio-político-ideológico, uma vez que seus textos propõem um olhar cuidadoso sobre assuntos que envolvem questões contundentes da história política e social do nosso país, em destaque, do Nordeste do Brasil, o Ceará, atestando assim, a pertinência de estudarmos a sua dramaturgia.

Não obstante, Eduardo Campos discutiu a corrupção política no Ceará, bem como a miséria, a fome, as guerras e/ou brigas entre famílias ricas e pobres e/ou outras contestações de luta, disputas de poder político, econômico e social, sedução de menores, aliciamento de menores, pedofilia, homossexualidade, a lei dos poderosos e descaso contra os desvalidos,

a politicagem e a compra de votos em nosso Estado, a mídia cearense e o sensacionalismo jornalístico, as mazelas da periferia de Fortaleza, os falsos valores morais-religiosos da sociedade local, as intrigas, as favelas de Fortaleza e suas particularidades, o tráfico nas favelas de Fortaleza, o banditismo, a polícia e o mundo jornalístico etc.

O seu teatro⁵ continua sendo referência para novos autores cearenses, o que o coloca como escritor imprescindível para o conhecimento do desenvolvimento literário no cenário teatral cearense e no restante do país. Sendo assim, suas obras tornaram-se evidentes e incabíveis ao esquecimento dos seus valores literário-dramatúrgicos no âmbito da cultura brasileira, pois este, ao desafiar o tempo, o espaço e a forma de pensar coletivamente o teatro do povo brasileiro, rompeu, de forma vanguardista, com o molde evidente e quase único de fazer teatro no Ceará, buscando inovar-se e politizar a cena teatral cearense, utilizando-se, para tal, de um estilo dramatúrgico que teve suas particularidades, influências, interferências e relevâncias, anos depois, no Brasil e no mundo: o teatro sociopolítico.

Não há uma data específica para o surgimento do teatro sociopolítico. Sabe-se, através de grandes pesquisadores como Ângelo Maria Ripellino (1971), Silvana Garcia (2004), Bernard Dort (1977), que o teatro sociopolítico vem culminar com ações de vários outros estilos e/ou movimentos teatrais. Estudos que investigam a arte, o teatro, os movimentos teatrais, a história do teatro e a dramaturgia em si, apontam que essa modalidade teatral começou a ser pensada para questionar/representar a essência e emoções humanas após o surgimento das vanguardas históricas, tais como o expressionismo, impressionismo, cubismos, futurismo,

⁵ Manuel Eduardo Pinheiro Campos nasceu no dia 11 de janeiro de 1923, na cidade de Guaiuba, Ceará. Foi presidente da Academia Cearense de Letras (1965 a 1974), da Academia Cearense de Retórica, da Comissão Cearense de Folclore, do Conselho Estadual de Cultura, além de fundador da Associação Cearense de Emissoras de Rádio e Televisão e seu primeiro presidente; secretário de Cultura em dois Governos do estado do Ceará; Diretor dos jornais Correio do Ceará e Unitário, Rádio Araripe e TV Ceará Canal 2. Publicou mais de setenta livros, estando no segundo lugar em número de publicações dentre escritores cearenses, sendo superado apenas por Gustavo Barroso. Dentre suas obras destacam-se as peças teatrais *O Morro do Ouro*, *A Rosa Lagamar*, *A Donzela Desprezada*, *Os Deserdados*, *O Demônio e a Rosa e Nós*, *As Testemunhas*; e textos dramáticos como *As Tentações do Demônio*, *O Amargo Desejo da Morte* e *A Morte Prepara o Laço*. Ele também é autor de *A Máscara e a Face*, *A Revolta dos Animais*, *O Andarilho*, *O Anjo* e outras. Veio a falecer no dia 19 de setembro de 2007, na cidade de Fortaleza.

dadaísmo, surrealismo; que caracterizavam não só um movimento, mas uma forma de pensar à frente do seu tempo. (RIPELLINO, 1971). No Brasil, o teatro político-social ganhou força e notoriedade nas primeiras décadas do século XX, quando dramaturgos brasileiros documentaram fatos importantes ocorridos em nosso país e no mundo. (CAFEZEIRO, 1996).

sendo assim, a leitura aqui proposta visa investigar os aspectos sócio-políticos na dramaturgia do autor aqui pautado, em especial, nos três dramas urbanos - *O Morro do Ouro*, *A Rosa do Lagamar* e *A Donzela Desprezada* -, criando assim um elo significativo entre a dramaturgia cearense e o teatro de autenticidade nacional, uma vez que no âmbito da dramaturgia brasileira, há uma enorme carência de estudos sobre os autores considerados fora do eixo Rio-São Paulo, como é o caso de Eduardo Campos, dramaturgo cearense de grande repercussão local, contribuindo assim, para o engrandecimento e o reconhecimento do mesmo na dramaturgia brasileira.

O Morro do Ouro, peça estreada no dia 11 de julho de 1963, no Theatro José de Alencar⁶, narra o conflito de Madalena, prostituta extremamente conhecida do bairro Morro do Ouro⁷, com a chegada da mãe, Elvira, que vem visitá-la na cidade, uma beata típica do Cariri. Madalena é amante do jovem contrabandista e marginal Zé Valentão. Diante de tal circunstância, Madalena, com a ajuda dos amigos, transforma-se numa moça simplória e de bons costumes; numa moça exemplar e temente a Deus, assim como sua mãe queria. No entanto, ela vive os dilemas do seu dia-a-dia, bem como a possibilidade de toda a verdade vir à tona. Madalena, que

⁶ O elenco de *O Morro do Ouro* era composto pelos seguintes atores da Comédia Cearense, grupo que se firmava na década de 1960 como líder absoluto no fazer teatral do Estado: Afonso Barroso (Zé Valentão), Tereza Bithencourt (Madalena), Edilson Soares (Patrício), Haroldo Serra (Seu Fortuna), José Humberto (Aleijado), Hiramisa Serra (Mulher do Aleijado), Zilma Duarte (Lavadeira), Lourdinha Martins (Margot), Leonam Moreira e Edinando Brasil (Carregadores), Eliete Paiva, Laís Freire, Maria da Glória Martins (Assistente Sociais), Eliete Regina (Esmeralda), Mizael Fernandes e José Maria Cunha (Policiais), Gracinha Soares (Elvira), Carlos Paiva (Dr. Gervásio), Fátima Alencar e Hiramisa Serra (Senhoras da Sociedade). Direção: B. de Paiva. Cenário de Flávio Phebo. (COSTA, 1999, p. 10).

⁷ Comunidade localizada lá para os lados da Barra do Ceará. Este lugar ficou conhecido desde os anos de 1950 como Morro do Ouro, pois tratava-se de uma comunidade pobre que surgiu em torno do antigo aterro da cidade de Fortaleza, ou seja, o antigo lixão de Fortaleza, muito tempo antes do aterro do Jangurussu.

antes era quenga, “a mulher mais falada da zona”, com a chegada da Mãe, “algo me aconteceu”; “Não quero que ela de repente tenha uma tristeza dessas, de ver sua filha prostituta”; “perdi o jeito de ser puta”. (CAMPOS, 1999). Arrependida da vida que levava anteriormente, Madalena se transforma, de fato, numa mulher digna, respeitosa, “gostando da diferença que faz quando se é tratada com respeito (...) como uma senhora”. Diante de todos os acontecimentos, Zé Valentão perde a amante; e Madalena, “vai à procura de Elvira, que se volta para receber a filha em seus braços”. (CAMPOS, 1999).

Bem estruturado e dividido em três atos, o autor do *Morro do Ouro* ressaltou, em seu enredo irônico e questionador, temas inquietantes que colaboraram para uma construção dramática de grandes virtudes, preocupado em revelar, diga-se de passagem, a essência natural da realidade enfrentada por aqueles que, desafiadoramente, viviam os perigos e os dilemas urbanos da nossa cidade, como a denúncia do jogo do bicho e a má fé dos bicheiros que, por meio dos sonhos enganadores, induziam o povo às apostas, como bem podemos perceber nas falas de Ezequiel, o bicheiro: “Mas foi o que eu sonhei! Juro verdade! [...] O erro foi da senhora... Erro de interpretação! [...] Eu sonho, conto meus sonhos... e vocês jogam. Se perdem, não tenho culpa. (CAMPOS, 1999, p. 30-44). Outro caso interessante em *O Morro do Ouro*, é a presença dos políticos na humilde favela e as doações para o povo, ou seja, a compra indireta de votos populares:

Mulher – (Vendo a máquina de lavar). É pá vender?

Homem 2 – Que vender! O Dr. Gervásio não é de vender nada. O coração dele é deste tamanho... (Abre os braços dimensionando a bondade do doutor) (...)

Madalena – Uma máquina... de graça! Venha ver! (...)

Homem 2 – Um presente, como lhe disse, do Dr. Gervásio. Já distribuímos esta semana mais de setenta máquinas de costura.

Madalena – Quem é esse Dr. Gervásio?

Homem 2 – Então a senhora não o conhece? É o pai da pobreza, o nosso candidato a vereador. Quem votar com ele não se arrependerá. (...)

Madalena – [...] Também sou eleitora qualificada... tenho título... E além do título, algumas vantagens facilmente apreciáveis.

Mulher – [...] Aposto como se eu quisesse ficar com a máquina, o homem não tinha concordado. Mas a safada rebolou pra ele...

Galinha!(pausa) Você reparou? Agachou-se e de propósito na frente, para mostrar os peitos! (...)

Elvira – (Ao Dr. Gervásio). O senhor é candidato a vereador ou fabricante de máquinas?

Dr. Gervásio – Candidato, minha senhora. Um candidato que já se considera eleito. Tenho um programa nacionalista. (pausa). Quando for eleito, virei morar no O Morro do Ouro. Quero sentir de perto todo o problema do bairro. Só assim teremos sua salvação! (...).

Homem 1 – (Disparando um foguete tipo “Adrianino”) Viva ao Dr. Gervásio, o candidato 1001, o pai da pobreza! (CAMPOS, 1999, p. 33-55).

Valendo-se das oportunidades, Dr. Gervásio e seus assessores, se infiltram na comunidade. Ele mostra-se ser um bom político; o candidato certo para o povo d’o Morro do Ouro. Ele chega, inclusive, a participar da quermesse organizada pela mãe de Madalena, aparentando ser um homem devoto a Deus e à Igreja; um religioso exemplar bem intencionado. E para conseguir atingir os seus objetivos, aproxima-se também do Aleijado, “ajudando-o”, promovendo assim, a sua imagem bondosa e respeitosa:

Homem 2 – (Indo ao Aleijado) O Dr. Gervásio, candidato do povo que será o mais votado de Fortaleza, manda-lhe vinte cruzeiros.

Aleijado – Que Deus lhe dê uma bonita vitória!

Dr. Gervásio – Dê mais dez mil réis. O agradecimento foi bom!

Homem 2 – (Pondo o dinheiro na tigela do Aleijado). É pra fazer a propaganda do doutor! (CAMPOS, 1999, p. 54).

Campos também denuncia em sua obra a vida dos pedintes. Estes simulam situações deploráveis todos os dias, tendo por objetivo, enganar os bons cidadãos e ganhar dinheiro de forma desonesta. Ainda conforme o autor, as ações governamentais para retirar os pedintes das ruas, são ações inadequadas e ineficientes, uma vez que estes se veem perseguidos e impedidos de pedir esmolas:

Mulher – [...] Todo governo que sobe no Ceará, a mulher do governador acha logo de fazer caridade, perseguindo a gente. (...) Da última vez, levou o Aleijado para um tal albergue. (Outro tom). Coisa sem graça! A gente tem comida de manhã, ao meio-dia, de noite. Mas não dá certo. Não se pode pedir esmolas! (...)

Aleijado – [...] Dinheiro chama a piedade dos outros. (CAMPOS, 1999, p. 30-32).

O Aleijado já vivia a tanto tempo na mesma rua, praticando sempre as mesmas ações ao lado da esposa que, de acordo com o texto de Campos, a rua já teria sido até “batizada” com o seu nome: “Homem 1 – (...) Ruado Aleijado, número 22, Morro do Ouro. É aqui, não é?”. (CAMPOS, 1999, p. 33).

No entanto, o que mais predomina nesta obra de Eduardo Campos é o falso moralismo e a clandestinidade da verdade, bem como a hipocrisia. Madalena, personagem central do texto, prostituta e mulher de malandro, temida por muitos no Morro do Ouro, assume, mediante a visita inesperada da mãe, uma falsa identidade, diferente da sua real pessoa: “Tudo nela inspira envolvimento feminino, sexo. Quando anda, quando fala põe um certo “quê” de malícia em seus gestos. Dirigindo-se aos homens com liberdade (CAMPOS, 1999, p. 28). Como relatamos anteriormente, Madalena temia o desgosto da mãe, caso a mesma descobrisse que a filha estava desviada do mundo: “Não quero que ela de repente tenha uma tristeza dessas, de ver sua filha prostituta” (CAMPOS, 1999). No início da trama, ela e o Zé Valentão eram os donos da situação; traficavam muambas e aprontavam com os policiais que tentavam, a todo custo, invadir o morro e prender os meliantes envolvidos na venda e no repasse da muamba. Leiamos:

Zé Valentão – (Confidenciando) Desta vez a polícia quase pegava a gente, quase. Quando saímos com o jipe, trazendo a “muamba”... cada pé de pau era um soldado de fuzil na mão. (Batendo no peito) Eu era besta pra ficar?

Madalena – Os gringos trouxeram muito uísque?

Zé Valentão – O iate encostou cheio, mas só conseguimos negociar cigarros e sandálias (...). Peguei aposta como até o fim do outro mês serei notícia de primeira página... manchete com eles dizem. (...) Vou tentar trazer a muamba e falar com o homem que dá cobertura.

Esmeralda – (...) Quando entrei, vi uns tipos da polícia aí fora. É encrenca?

Madalena – Nem lhe conto! Estão desconfiando que o Zé é quem esconde o contrabando.

Esmeralda – Diga-lhe que é melhor mudar de vida. Isso de contrabando só dá resultado mesmo para deputado e gente rica. No fim, quem se aperreia é o pobre. (...).

Policial! – (Indo ao Investigador). Os engraçadinhos daqui não sabem nem o que é sandália japonesa. São os vigaristas mais inocentes que já vi. (CAMPOS, 1999, p. 24-46);

Sobre a identidade de Madalena, Zé Valentão destaca:

Zé Valentão - (Gritando para Madalena através da porta). Já estou vendo a manchete dos jornais: "Acabou com a novena botando a rapariga nua diante do santo." Vai ser uma esculhambação! (CAMPOS, 1999, p. 65).

Para tal, ela se desfaz de tudo o que poderia revelar a sua real identidade: roupas, revistas pornográficas, imagens de revistas nas paredes do quarto e do guarda-roupa:

Esmeralda - (Depois de um momento, como se procurasse algo nas paredes). Cadê o retrato da mulher em pêlo? Carregaram?

Madalena - (Saindo do biombo, acabando de vestir-se). Nem me lembrava! Está debaixo da cama. Deus me livre de que ela veja! (Começa a rir). E se soubesse que o retrato era uma isca...

Esmeralda - Isca? Que história é essa? Anda... (...) Desculpe. (pausa). Manga comprida ou três quartos?

Madalena - Comprida! Daqui por diante quero ser uma senhora de todo o respeito. Nada mostrar os braços, o colo.

Esmeralda - E os seios?

Madalena - É preciso esconder tudo!

Esmeralda - Você devia ter comprado logo um hábito de freira. (...). (CAMPOS, 199, p. 40).

E ainda, para manter o falso moralismo e a clandestinidade da verdade, bem como a hipocrisia e a falta de honestidade, Madalena convence os amigos - o bicheiro Ezequiel, o comerciante Patrício, a modista Margarida e outros -, a colaborar com a farsa para enganar a própria mãe:

Ezequiel - (Apresenta-se inteiramente transformado. Deixou a barba crescer, pois, diante dos últimos fatos, achou mais conveniente vender santos, medalhas, etc. É um autêntico vendedor de santos, como alguns que ainda percorrem as cidades do Nordeste. No momento em que se abre o pano, juntamente com Margarida, prepara o ambiente para as comemorações da noite: quermesse e novena. Margarida mete-se em um roupão à semelhança de hábito franciscano, e ajuda a pregar cordões de bandeirinhas de papel). Se lhe perguntarem porque está vestida assim, diga que é promessa.

Margarida - E se me perguntarem que graça alcancei?

Ezequiel – Invente uma! O importante é ajudarmos d. Madalena! E com isso vai-se apurando algum dinheiro, que gente besta aparece em todo lugar. Não viu como as noites têm sido animadas? (...)

Margarida – Seu Fortuna... (...)

Ezequiel – Quando vai aprender que agora só deve me chamar Ezequiel? Vendedor desanto; é da regra ter um nome da bíblia. (CAMPOS, 1999, p. 54).

E assim, a grande encenação armada por Madalena para enganar Dona Elvira ganha grandes proporções, chegando, inclusive, a chamar a atenção dos moradores do bairro e, ainda, da senhora Monitora e suas Assistentes Sociais, que acreditam, fielmente, que um milagre acontecera no Morro do Ouro; que a quenga, virou uma mulher de respeito; que o dono do bar, virou um homem de bem; que o bicheiro, virou um homem santo. Leiamos:

Monitora - (Ao entrar em cena avista Patrício com a tabuleta erguida; vê Madalena surgir à porta segurando em cada mão uma vela acesa. O Aleijado, de voz piedosa, ao vê-la, pede um auxílio: Pelos divinos olhos de Nossa Senhora. A Monitora pára perplexa. Entra-lhe pelos ouvidos a música religiosa da irradiadora). Não é possível! Meu Deus, se não é sonho, eu não estou no O Morro do Ouro! (As Assistentes entram também em cena). Por favor, se expliquem! (À Madalena) O que é isso?

Madalena - (Serena) As velas para o altar... para festejar o santo.

Monitora - (Indo a ela, tocando-a com os dedos). Você é você mesma? Na semana passada, quando estive aqui tudo era tão diferente. Ao chegar em casa tive que orar pela salvação das almas dos moradores do bairro. (Às Assistentes). Não foi exato? (...) (Entra, liderando um grupo de senhoras. Acompanha-se das assistentes). É milagre autêntico! (À meia voz). E se dizer que a mulher era uma dessas dodivanas que andam por aí sem pouso certo, Mas Deus, com a sua força prodigiosa penetrou-lhe o coração, bem fundo, fazendo-a repudiar a vida devassa.

Uma senhora - (Curiosa): Então, era assim? Vivia entregue ao peca- do? Que coisa horrível!

Monitora - Inteiramente devassa! Mas depois do que aconteceu, só vendo para crer. O próprio povo se meteu num escrúpulo de admirar! Não fala mais no passado. Está esquecido inteiramente. (Lembrando-se): Tabu! Perfeitamente. É um tabu da comunidade. (...) (Apontando

o sr. Patrícia que surge no boteco). É outro convertido. Vendia cachaça de alto teor alcoólico. Depois do que houve, mudou de negócio. (Dando ênfase). Vende agora os melhores refrescos, as mais apreciadas cambicas da cidade!

Uma senhora - É inacreditável! Deixar de vender cachaça para vender refrescos! (...).

Monitora - (Aproximando-se dele). Tire-me de uma dúvida, cavalheiro. O senhor já foi cambista?

Ezequiel - Fui, sim senhora! Mas graças a Deus estou regenerado! Vi que não devia estar levando diariamente os outros ao caminho do vício.

Monitora - (Exultante). Não lhes dizia! É assim que o homem abre o coração à virtude! (CAMPOS, 1999, p. 53-55)

A Monitora, bem como as suas Assistentes Sociais, são mulheres que representam a alta sociedade e os bons costumes; mulheres bem feitas, recatadas, do lar; mulheres exemplares que buscam fazer o bem ao próximo, mas, como podemos observar na obra de Campos, elas não passam de mulheres ricas, superiores aos mais necessitados e às gentes simples; mulheres de um falso moralismo social e religioso; mulheres que se dizem humildes e solidárias, tementes a Deus, mas, que na verdade, sentem nojo e desprezo dos mais pobres e desvalidos:

Monitora - (Vendo-a, com desprazer). Tudo como imaginava! O Morro do Ouro está precisando urgentemente de uma campanha moralizadora. É um centro de perdição. (Indo à moça). Como é seu nome?

Margarida - (Melosa) Margot!

Patrício - (Intrometendo-se para esclarecer). O nome dela é Margarida. É filha do motorista do caminhão do lixo.

Margarida - (Arrepiada à intervenção de Patrício). Margot, tem que ser Margot. É o meu nome de guerra.

Monitora - Quantos anos você tem, menina?

Margarida - Uns dezessete. Nem sei direito.

Monitora - Ocupa-se em alguma coisa?

Margarida - Não senhora. (puxa um cigarro para fumar. Seus gestos são displicentes). Não tenho tempo...

Monitora - (Irritada). Largue o cigarro! Na minha frente menor não fuma. E mesmo eu sou mais velha do que você. Mereço respeito. (Margarida, sem se alterar, acende o cigarro). Já lhe disse. Largue o cigarro! (Margarida puxa uma fumaçada e solta-a à cara da Monitora. Sai rindo em direção à casa de Madalena). Malcriada! É por isso que

está tudo mudado e os comunistas querem tomar conta do mundo. Que falta de compostura, de respeito ao próximo! (Irritadíssima). Mas não vai ficar assim não! Vamos fazer aqui campanha de moralização! Disciplinar vocês todos. Acabar com os excessos perniciosos.

Madalena - (À porta da sua casa). Pode-se saber que despropósito é um? (À Monitora). Onde a senhora pensa que está?

Monitora - (Horrorizada). Estamos em Sodoma! (Às Assistentes). Ligeiro, meninas. Vamos embora. É fugir quanto antes desse antro de perdição. (Vai saindo acompanhada das moças). (CAMPOS, 1999, p. 55-56).

Em “*A Rosa do Lagamar*” (1964)⁸, Eduardo Campos põe em cena as relações complexas existentes na comunidade cearense em sua gênese, como a exposição do duro e complexo convívio social entre os membros da nossa cidade, marcado pelas desigualdades sociais; da cultura local, fragilizada e quase inexistente; das relações de gênero; das desigualdades e “*status*” sociais. Rosa, personagem que intitula a dramaturgia, é uma mulher nordestina que, supostamente enfastiada com a vida medíocre no

⁸ No dia 5 de novembro de 1964 aconteceu a estreia de *A Rosa do Lagamar*. No elenco original estavam: Hiramisa Serra (papel título), Tereza Bithencourt, Haroldo Serra, Edinardo Brasil, Lourdinha Falcão, Tarcísio Gurgel, João Falcão, B. de Paiva, José Humberto Cavalcante e Antonieta Noronha, todos sob a direção de B. de Paiva. O cenário era assinado por J. Figueiredo. Rosa do Lagamar, em termos de público e mesmo de qualidade, repetiu o sucesso de *O Morro do Ouro*. Em Julho de 1966 a Comédia Cearense viajou para o Rio de Janeiro com *Rosa do Lagamar* apresentando-se no TEATRO NACIONAL DE COMÉDIA. O crítico Yan Michalski comentou: “Mais uma vez foi colocada, diante de nós, a cristalina, mas tão facilmente esquecida verdade. O teatro brasileiro não se restringe apenas a Rio e São Paulo”. A 14 de Outubro de 1975 a Comédia Cearense estréia a versão musical de *Rosa do Lagamar*; de drama realista passou a comédia musical numa versão de Haroldo Serra. Foi com esta nova roupagem que concorreu ao festival da FENATA (Federação Nacional de Teatro Amador) e no I Festival de Inverno de Campina Grande (1976), participou do Encontro de Teatro Nordestino, em Salvador e do Projeto Mambembão, (Brasília, Rio e São Paulo), em 1979. Em julho de 1995 foi montada por um grupo carioca no Teatro Henriqueta Briebe, na Tijuca. *Rosa do Lagamar* propiciou a atriz protagonista, Hiramisa Serra, indicação de melhor atriz (uma das cinco do primeiro trimestre de 1979) para o prêmio Mambembe do Serviço Nacional de Teatro. Excelente e insuperável no papel de Rosa, Hiramisa Serra inscreve seu nome entre as grandes atrizes do teatro cearense.

bairro do Lagamar⁹, envolta à miséria e à vulnerabilidade social, opta por abandonar o seu lar na favela e parte numa busca incessante de melhorias para a sua vida pessoal em um bairro nobre da sociedade fortalezense: o Aldeota¹⁰.

Contudo, o fato de maior importância nesta obra de Campos e, portanto, de maior interesse para o nosso trabalho, é a presente disputa entre pobres e ricos. Mesmo com a batalha diária para juntar dinheiro e construir uma “palhoça” na Aldeota, ter um pedaço de terreno livre e uma vida mais estável, Rosa não é bem-vinda para os seus futuros vizinhos, o casal Dr. Severiano e D. Julieta. Estes estão a fazer uma grandiosa construção ao lado da casa de Rosa, e, portanto, não suportam a ideia de ter uma “favelada” morando ao lado de sua mansão. Então passam a tentar “convencer” Rosa de vender o terreno e sua palhoça, haja vista que o casal deseja, como *socialite* que são, possuir um imenso jardim e uma piscina para fazer reuniões sociais com os amigos.

Vale salientar que o terreno onde reside a nossa protagonista está na ilegalidade. O terreno pertence, na verdade, à Prefeitura Municipal de Fortaleza. Esta informação é do conhecimento de Dr. Severiano que tenta, a todo custo, usar este argumento para convencer Rosa a vender sua propriedade, pois esta havia sido enganada por estelionatários; e a propriedade estava registrada em falsos documentos. Leiamos:

Rosa – (Admirada) Da prefeitura? Essa não! Eu tenho a escritura, doutor!

Severiano – Falsa! Pode verificá-la na calma. É falsa!

Rosa – Mas se vi as testemunhas assinarem! Tudo certo, como diz a lei, por cima dos selos.

⁹ A comunidade do Lagamar é um assentamento precário que margeia os dois lados de um trecho do rio Cocó, principal recurso hídrico da Bacia Metropolitana de Fortaleza. Ela está localizada entre bairros populares como São João do Tauape, Alto da Balança, Aerolândia e Pio XII, à margem da BR-106 no sentido oeste e da Av. Governador Raul Barbosa a leste, duas vias que dão acesso direito ao Aeroporto Internacional Pinto Martins e ao Estádio Castelão. (Mapas de Fortaleza).

¹⁰ Aldeota é um bairro nobre e histórico da cidade de Fortaleza, Ceará. O topônimo “aldeota” faz referência a aglomeração de índios que saíram das margens no Rio Ceará para a região da fonte do Riacho Pajeú (Aldeota). Está localizado na zona norte da cidade, tendo como limites a leste a rua Frei Mansueto e a Avenida Desembargador Colombo Sousa, a oeste a rua João Cordeiro, a norte a rua Pereira Filgueiras e a Avenida Dom Luís e ao sul as ruas Beni de Carvalho e Padre Valdivino. (Mapas de Fortaleza).

Severiano – A senhora caiu no “conto da casa”... Os malandros lhe venderam terreno da municipalidade. (CAMPOS, 1999, p. 90)

Como podemos perceber, a compra e venda de falsos imóveis já era questionada pelo autor em pleno os anos de 1960. Estas ações criminosas são corriqueiras em pleno ano de 2016. Isso demonstra que as leis brasileiras são frágeis, vulneráveis e que o estelionatário age de forma precisa com os ditames da legislação brasileira, fraldando aqueles que são tidos como honestos. Isso demonstra também que o Brasil de ontem nada se difere do Brasil de hoje:

Rosa – [...] Ainda existe lei no país (pausa) Você pensa que eu não tenho documentos? Quem me vendeu a casa passou a escritura... O papel está assinado por duas testemunhas e sobre selos... (...)

Emília – Sei lá! Está tudo mudado! Ouço o rádio dizer, o dia inteiro, que ninguém se entende mais no Brasil, que o Presidente...

Rosa – (Interrompendo-a) Isso é política! Sempre foi assim. (pausa) Olhe, faz tempo que eles querem acabar com o país, e o Brasil ah no duro, resistindo... (CAMPOS, 1999, p. 83 – 84)

À medida que o desenrolar do enredo da trama ocorre, outros acontecimentos complexos são apresentados ao público: Maria Galante, a filha de Rosa, no dia de seu casamento, é surpreendida pela invasão da polícia na “palhoça” de sua mãe. Esta havia sido acusada de roubar um vestido de noiva pertencente à dama de um deputado famoso: “**Beltrão** – (Dá um pulo e segura Maria Galante pelo braço) Não arrede o pé daí, que está presa! [...] A sua filha, d. Rosa, usando vestido alheio! Logo de quem! Da mulher do deputado!” (CAMPOS, 1999, p. 92). O ato da utilização do vestido alheio foi estimulado por Emília, a lavadeira e engomadeira de roupas do bairro, que mantinha o hábito de vestir as roupas de suas patroas enquanto não as devolvia. Diante desta inusitada circunstância, a imagem de Maria Galante é “desonrada”.

Ainda no desfecho da trama, a justiça local recebeu a denúncia de ocupação indevida de propriedade pública por parte de Rosa e requisi-tava ordem de despejo e demolição da construção local da protagonista. Rosa perturba-se, pois acreditava ser a real proprietária da propriedade em questão; não acreditava na ideia de ter sido ludibriada no por falsos

vendedores de imóveis. “**Oficial de Justiça** – A senhora já deve saber de tudo. (Pausa) Vim só comunicar-lhe que precisa abandonar a casa. Se recusar, será despejada”. (CAMPOS, 1999, p. 101), Rosa tenta refutar alegando não ter consciência do crime; que foi vítima por ser analfabeta e apela para o emocional do Oficial, mas logo é surpreendida com a seguinte resposta: “Não é problema meu. Eu sou um oficial de justiça.” (CAMPOS, 1999, p.102). Vale ressaltar que, o analfabetismo de Rosa muito contribuiu para este acontecimento, uma vez que os estelionatários, até hoje, e na maioria das vezes, atacam com maior frequência, pessoas com um nível de escolaridade mais baixo; atuam iludindo esse tipo de pessoas com falsas promessas e precinhos bem em conta, abaixo do preço de mercado; trabalham com pessoas que mal sabem assinar o nome.

Diante de tais circunstâncias, Rosa perde tudo o que construíra. Ela não queria mais ser aquela Rosa... a Rosa do Lagamar! Ela é despejada do lar e sua casa será demolida: “**Oficial de Justiça** – (Quase apoplético, retira-se da casa e do lado de fora acena para os soldados, que se aproximam) Vamos, comecem a retirar os móveis, tudo o que estiver dentro da casa”. (CAMPOS, 1999, p. 103). Maria Galante descobre que está grávida e que o noivo, na verdade, já era casado. Neste caso, o autor destaca a questão do assédio às meninas de boa família e os casos de bigamia, fato polêmico para a época em questão: os anos de 1960. A cena final mostra Rosa em frente à casa prestes a ser demolida, falando aos oficiais de justiça, que age impiedosamente: “Mas... os móveis... as coisas... não ficam? Responda! [...] (Encontra-se, trêmula, a um dos móveis, como se fosse ela mesma um pedaço de madeira, uma tábua, uma coisa, e não uma criatura humana)” (CAMPOS, 1999, p. 105).

Em *A Donzela Desprezada*¹¹, Eduardo Campos põe em cena uma questão extremamente polêmica: a mídia sensacionalista. O enredo da

¹¹ Escrito em 1964, o texto passou, segundo Costa (1999), trinta e um anos para ser encenado. No dia 13 de agosto de 1995, data em que se inaugurou, em Fortaleza, o Teatro do IBEU-CE, o Grupo Balaio trouxe à cena esse texto inédito de Eduardo Campos. Conforme Costa (1999), a estreia da peça “foi um triunfo!”. O elenco da peça era composto pelos seguintes atores: Kátia Camila, Martha Vasconcelos, Socorro de Carvalho, Leonardo Martins, Rodrigo de Freitas, Aurora Miranda Leão, Deugiolino Lucas, Jorge Rithie, Jota Arraes, Castro Segundo, Ivany Gomes, Augusto Abreu, Arnaldo Cerkas, Cícero Medeiros, Edvaldo Lira. Direção: Marcelo Costa. (COSTA, 1999, p. 18).

obra se passa num bairro periférico de Fortaleza, o Pirambu¹², bairro pobre e cheio de problemas, assim como o Lagamar e o Morro do Ouro. A trama, conta a história de Amélia, uma jovem donzela apaixonada pelo motorista do caminhão da entrega sistemática de gás, Edmundo. Esta acusa o jovem rapaz de tê-la seduzido e de tê-la desonrado dentro da boleia do caminhão da entrega sistemática de gás do bairro. Sob a guarda e os conselhos da mãe, Dona Valdelice, Amelinha vai até a delegacia e denuncia o suposto agressor/sedutor/desonrador de menores. O delegado, homem sensacionalista, ambicioso e desonesto, transforma a história da jovem Amelinha, num grande fato jornalístico: (ao Jornalista Benedito) “Uma rainha perdeu a honra no dia da coroação. Imagine! A rainha de quermesse do Pirambu... desencaminhada pelo motorista da entrega sistemática de gás...” (CAMPOS, 1999, p. 122). O suposto “estupro” ganha as páginas dos principais jornais de Fortaleza; Amelinha vira notícia e fica famosa no bairro: (Benedito coordenando a ação do fotógrafo e imaginando as fotos no jornal) (...) A primeira foto, à esquerda da página, é da infeliz Amelinha, retrato do álbum de recordações da família, quando pedia a Deus a graça de um bom esposo. (Pausa) À direita, o que vamos fazer agora, a infortunada moça desesperada está certa de que não chega mais aos pés do padre. (CAMPOS, 1999, p. 125).

A partir de então, tenta, a todo custo, tirar proveito da tal situação, ganhar muito dinheiro e ficar famosa de vez.

Entretanto, a vida de Edmundo fica bastante complexa e tumultuada. Contudo, mediante a tantos escândalos e um alto grau de comicidade e ironia, Amelinha tem um final inusitado: depois de ser usada pela mídia sensacionalista e pelo ambicioso delegado de polícia, entrega-se às suas reais fantasias e some com Edmundo; “Amelinha realiza o seu sonho freudiano de fazer amor num caminhão carregado de botijões de gás vazios”. (COSTA, 1999, p. 19). Ela deixa assim, tudo para trás, inclusive, a mãe, senhora supostamente honrada e bastante religiosa; zeladora da Igreja e dos

¹² O bairro do **Pirambu** é um bairro classe média e classe média-baixa e está localizado na área litorânea da zona oeste da cidade de Fortaleza - Ceará. A praia é sua maior extensão limítrofe. Alguns mapas, quando referem-se ao bairro, abrangem áreas que se localizam além dos limites configurados pela Prefeitura de Fortaleza, incorporando os bairros do Pirambu e Cristo Redentor, além de uma parte de outro bairro chamado Barra do Ceará. Isto ocorre porque esta área, no passado, era denominada de Grande Pirambu. (Mapas do Ceará).

bons costumes; uma mulher de fé e de plena justiça; também utilizada pela mídia sensacionalista. Segundo Marcelo Costa, *A Donzela Desprezada* é o “menos realista dos três textos. (...) prevalecem cenas curtas, telegráficas, cenas simultâneas, ritmo ágil”. (COSTA, 1999, p. 18).

Como bem vimos acima, a mídia sensacionalista na obra de Campos, torna-se, no contexto de *A Donzela Desprezada*, o tema principal do enredo. O ponto de partida, é o suposto estupro de Amelinha:

Amelinha - Chamem minha mãe, chamem! Chamem o padre! Avisem as filhas de Maria, aos membros da liga da decência social! Digam a todos que a rainha do partido azul da quermesse, que rendeu duzentos mil reais aos cofres da igreja, acaba de perder a honra. (...) (...) ele me apertava em seus braços fortes, sem mais querer me soltar. Meu Deus, era bom demais eu sofria. Eu me sentia tonta, desfalecida, principalmente pelo som infernal dos botijões... e por cima de tudo, eu tinha medo de morrer. (...) (...) Paramos em um lugar distante, como se diz mesmo? ...ermo...onde era? Onde? Ainda hoje me pergunto, sem resposta... nem sei direito. Mas sei que havia uma árvore muito frondosa, e tinha um rio largo, perto... e ...acho que havia também uma cabana. Um velho pescador estava sentado, longe, longe, numa pedra(...) (CAMPOS, 199, p. 111-127).

Induzida pela mãe, pelo Delegado e pelos demais policiais, e ainda, seduzida pela possibilidade de ficar famosa, virar notícia e sair nos jornais, Amelinha transforma a sua história num verdadeiro episódio dramático; tudo é engrandecido e fica sensacionalista:

Amelinha - (Ao Jornalista e ao Delegado. Enlevada, mais fantasiosa) Ele me apertava em seus braços fortes, sem mais querer me soltar. (Tom) Meu Deus, era bom... mas eu sofria. (Pausa) Eu me sentia tonta, desfalecida, principalmente pelo som infernal dos botijões... E por cima de tudo, eu tinha medo de morrer.

Benedito - (Animando-a) Mais, mais, vai para a primeira página.

Amelinha - Paramos num lugar distante, como se diz mesmo? ...ermo... (Pausa) Onde era? Onde? Ainda hoje me pergunto, sem resposta... (pausa) nem sei direito. Mas sei que havia uma árvore muito frondosa, e tinha um rio

largo, perto... e ... acho que havia também uma cabana. Um velho pescador estava sentado, longe, longe, numa pedra... (...) Como estavam todos muito distante, ninguém pôde me acudir. E eu vi que não podia resistir. (...)

Benedito - Vá contando, me agrada! É matéria de primeira página.

Amelinha - Por fim, rasgou. minha combinação de nylon... (...)

Delegado - Pelo que vejo a história é mesmo interessante. Vai fazer sucesso.

Benedito - Espere até amanhã...Vai ficar no cartaz umas duas semanas. O título da reportagem já desenhei na minha cabeça: para o entregador de gás a donzela honrada não passava de um botijão.. (...) (CAMPOS, 1999, p. 127-128).

Para a mídia sensacionalista, não interessa ou importa os fatos verídicos. Tudo deve ser aumentado. E assim, Amelinha sentia-se incentivada a mentir, inclusive, na frente do Edmundo, do Delegado, da mãe e dos Jornalistas. A imaginação da protagonista se amplia; a ambição de ficar famosa toma conta da cabeça de Amelinha. Campos denuncia assim, o falso moralismo, a falsa notícia jornalística, a mídia sensacionalista e a falta de compromisso para com a verdade dos fatos e a relação de má conduta e da falta de seriedade entre a mídia jornalística e alguns delegados de Fortaleza:

Delegado - (A Edmundo) Sua sorte, meu rapaz, agora depende dela. Repita o que me disse.

Edmundo - (principia a falar com indecisão, procurando achar as palavras) Amelinha, eu... queria que você compreendesse... Por favor conte ao Delegado o que em verdade se passou entre nós dois... Sei que você é direita... (Pausa) Fale.

Amelinha - (Em tom indefinido, como se na verdade vivesse outro personagem) Será que você já esqueceu? (..) Oh, Edmundo... Vocês, homens, esquecem tão ligeiro!

Edmundo - Mas, não esqueci nada! Lembro que você me chamou à sua casa. E me abraçava, me queria... E eu então não pude resistir.

Amelinha - Não, não. Edmundo! Você contou tudo diferente demais! E o caminhão? (...) Oh, ao menos hoje, não seja cínico! O caminhão, os botijões vazios! Vamos, não diga que não se lembra! Você me carregou, eu não queria...

Me convidou para ver os enfeites da boléia, e de repente, acionou o motor, partiu veloz. Ah. Foi quando eu gritei, gritei: Não faça isso. Edmundo! Pare! Pare! E você correndo, nem me deu atenção!

Edmundo - (Ao Delegado) Isso não! Menos verdade!

Amelinha - (prossegue, indiferente) E quando você se aproveitou de mim como bem entendeu, me trouxe... me trouxe de volta como um botijão vazio, e me largou diante da casa. Não cobrou nada. Mas o preço que paguei foi alto demais, Edmundo, alto demais!

Edmundo - (Indo a ela, segurando-a) Meu Deus! Isso não se passou! (Pausa) O que lhe deram a beber?! (Ao Delegado) Ela está louca! Perdeu o juízo... (À Valdelice) A senhora, por favor, desminta essa história de caminhão, de botijão... botijão vazio!!! (CAMPOS, 1999, p. 132-133).

Como bem ressalta Costa (1999), Amelinha não está agindo com boa fé. Na verdade, foi ela quem seduziu Edmundo e acabou por gerar toda esta situação constrangedora. Nesta obra, conforme Costa (1999, p. 19), “a mulher frágil tem papel ativo, rompe barreiras preconceitos. É ela quem toma a iniciativa”. Quando a mãe viúva saía para trabalhar na Igreja, “Edmundo vinha conversar com ela”. (Campos, 1999). Contudo, ela não deseja a destruição ou degradação moral total de Edmundo. Ela o deseja e sonha em casar com ele. No entanto, a oportunidade de ficar famosa, torna-lhe conta do juízo. Contudo, depois de ser usada e abusada pela mídia, Amelinha cai no esquecimento, e assim é tratada pelo jornalista:

Amelinha - (Metendo-se) Menos verdade. A Lô era infeliz mas amava a vida!

Benedito - (Brusco, afasta a moça) Por caridade, criatura! Dê o fora! Você é notícia velha, é de ontem! Volte pra casa! (...)

Valdelice - (Encarando-os) E minha filha?! Que vão dizer dela depois? Por acaso será uma qualquer? (pausa.) Não é hora de abandoná-la!

Benedito - (Atira uma cédula à mulher) Veja se dá para contentar-se! A senhora parece querer aplicar o golpe da moça desonrada!

Valdelice - Não, o senhor se engana! Não é dinheiro que interessa...

Benedito - (Mais compreensivo) Está bem. E agora me desculpe. Mas entenda. A vez da sua filha já passou.

Infelizmente é assim. Há sempre um novo fato que empurra o de ontem para longe... (...) (CAMPOS, 1999, p -138-141).

Esquecida e humilhada, Amelinha, diante de tal situação, começa a cair na realidade e a se encontrar consigo mesma, com aquela menina de 17 anos que ama e deseja casar-se com Edmundo; com aquela menina simples e verdadeira. Dona Valdelice, mãe da nossa protagonista, ainda tenta inventar uma nova história: uma falsa gravidez. Os jornalistas logo se animam; imaginam um novo título para a nova história bombástica de Amelinha: “Grave revelação da Donzela Desprezada: ESTOU GRÁVIDA DE DOIS MESES!”. (CAMPOS, 1999, p. 142). No entanto, Amelinha dá fim as suas inverdades e as inverdades da mãe; corre para os braços do seu grande amor, deixando assim, todos para trás:

Valdelice - (A Edmundo) Você botou tudo a perder! Ia ser o maior sucesso! (pausa) E agora? Até meu emprego perdi...

Amelinha - (Agarrada a Edmundo) Não me largo mais de você. (Refletindo, em outro tom) Como são terríveis os maus vizinhos, os maus jornalistas, os maus delegados...

Edmundo - (Com a mão nos lábios da moça, fazendo-a calar-se) Lembra-se daquela história do caminhão do gás, carregado de botijões vazios, que você contou?

Amelinha - Eu inventei, Edmundo! Você não me levou a lugar nenhum! (pausa, como se lamentasse) Eu sempre o desejei tanto! Era amor, amor! (...)

Edmundo - Sei, é irreal a história, mas o caminhão existe. Está aí fora, esperando por nós. (Vai com ela até a extremidade do palco, ao fundo, onde se imagine esteja a rua) Antes de recolher o carro, vim ver você. Queria saber até onde aguentava ir... (CAMPOS, 1999, p. 144).

Diante da realidade a sua volta, Amelinha rende-se ao suposto amor de Edmundo. Ele a perdoa e ambos se encaminham para um final feliz. Neste momento do texto, Eduardo Campos ressalta as fraquezas humanas e torna os seus personagens mais humanizados, fato que não permite ao público odiá-los, como bem destaca Costa (1999). Além da mídia sensacionalista destacada pelo autor neste texto, outros temas também afloraram na dramaturgia do autor, dentre eles, a questão da prostituição e a violência contra menores; questões religiosas e morais, como a dedicação

de Dona Valdelice à Igreja e à sociedade, com o seu falso moralismo; questões sociais, como o alcoolismo, a condição da mulher na sociedade, a violência sexual contra a mulher; a corrupção dentro das delegacias de polícia etc. São temas que polemizam e, ao mesmo tempo, provocam uma comicidade no enredo da obra.

Segundo B. de Paiva (1964), em um breve artigo publicado na Revista da Comédia Cearense, n. 1., Eduardo Campos abre a sua imaginação para a criação do que poderíamos chamar de dramas da cidade, revelando assim, “os personagens do subúrbio”, bem como a “estranha e necessária moldura que acompanha o progresso das grandes cidades”. (CAMPOS, 1999, p. 177). A autenticidade de seu teatro e de seu talento, conforme aponta Marcelo Costa (1999), é algo inquestionável e “coisa nunca contestada” na dramaturgia cearense e nacional. *O Morro do Ouro, A Rosa do Lagamar e A Donzela Desprezada* são obras que melhor representam os dramas vividos pelas gentes simples da periferia de Fortaleza. Estas obras apresentam personagens tipos que, de modo enobrecedor, mexeram com a cabeça do público da época em que foram encenadas pela primeira vez. Ainda conforme Costa (1999), “nesta trilogia, além do autor dramático, o jornalista, o repórter, o contista e principalmente o folclorista, que existem em Eduardo Campos, se juntam para pintar um rico mural da cidade de Fortaleza. Um precioso painel dos subúrbios de Fortaleza”. (COSTA, 1999, p. 20).

Referências

CAFEZEIRO, Edwaldo. GADELHA, Carmem. **História do teatro brasileiro**: de Anchieta a Nelson Rodrigues. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: EDUERJ: FUNARTE, 1996.

CAMPOS, Eduardo. **Teatro completo**. Volume 1. Fortaleza: Edições UFC, 1999.

_____. **Teatro completo**. Volume 2. Fortaleza: Edições UFC, 1999.

DANTAS FILHO, João. **Homens nordestinos em cena: relações/tensões de masculinidades em *As Velhas***, de Lourdes Ramalho. Paraíba: Marca de Fantasia, 2016.

DORT, Bernard. **O teatro e sua realidade**. 1ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 1977.

GARCIA, Silvana. **Teatro da militância: a intenção do popular no engajamento político**. 2ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

LIMA, Francisco Wellington Rodrigues. **A Representação do diabo no teatro vicentino e seus aspectos residuais no teatro quinhentista do Padre José de Anchieta e no contemporâneo de Ariano Suassuna**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, Ceará, 2010.

RIPELLINO, Angelo Maria. **Maiakóvski e o teatro de vanguarda**. 1ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 1971.

ROSENFELD, Anatol. **A arte do teatro: Aulas de Anatol Rosenfeld (1968)**. 1ª Ed. São Paulo: Publifolha, 2009.